

Diante do terror contemporâneo

Edson Passetti*

Hans Magnus Enzensberger:

El perdedor radical. Ensayo sobre los hombres del terror
Barcelona: Editorial Anagrama, 2007 [2006], 67 p.

Dentre os intensos pequenos livros em humanidades, pelo menos dois do sociólogo e poeta Hans Magnus Enzensberger serão encontrados no futuro pelos escafandristas da canção do poeta. Ao lado do conhecido e comentado *Guerra civil* aproxima-se este recente ensaio sobre o terror chamado *O perdedor radical*, publicado em 2006 na Alemanha, traduzido para o espanhol neste ano e aguardando edição em português.

Segundo Enzensberger, o perdedor radical atua sozinho. Mas, quando deixa o isolamento ele compõe uma pátria. Atua para matar. Não é só um perdedor que aguarda nova chance, um resignado, uma vítima, um ressentido. Ele é imprevisível, cala e espera, não se faz notar. Desde lugares ermos e silenciosos escancara, repentinamente, o reconhecimento de sua derrota e a sua predisposição para deixar as marcas de sua exclusiva vitória por meio do terror. Ele é mais do que o assujeitado amante da obediência abordado e abalroado por Michel Foucault na sociedade disciplinar. Não é mais o indivíduo perdido na massa e por diversas vezes mapeado desde Gabriel Tarde, Gustave Le Bon, Sigmund Freud, Wilhelm Reich, Albert Camus até o livro de referência de Elias

* Professor no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais e no Depto de Política. Coordena o Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária). www.nu-sol.org ou passetti@matrix.com.br.

Canetti, *Massa e poder*. O perdedor radical é uma pessoa dos tempos atuais, do capitalismo globalizado.

Para abordar este acontecimento Enzensberger recorre ao ensaio, entendendo-o como a maneira mais efetiva pela qual o intelectual pode atuar sobre os efeitos da atualidade. Foucault indicara, nos seus derradeiros livros do início da década de 1980, a importância imediata do ensaio, por expressar, mais do que a escrita, a própria existência. Neste âmbito ampliado, este pequeno livro aparece como o reverso da condescendência e da piedade, e combate a imensa e populista bibliografia que ainda sustenta a continuidade da vitimização do outro, causada tanto pela consciência europeia colonizadora quanto pela imperialista estadunidense. Mais do que isso, dissolve a relação protagonista-antagonista, tão cara às interpretações de esquerda, e também detona com as acomodações promovidas pelos estudos amparados no conceito de anomia. *O perdedor radical* é um livro que arruína predisposições providenciais, exames comparados e instiga o intelectual a sair dos seus tranqüilos gabinetes. O livro é coerente com a vida de Enzensberger, um ensaísta que elabora reflexões com “raiva e paciência”.

Terrorismos

Perdedor radical é uma noção preciosa para enfrentar as urgências contemporâneas. Ela permite compreender o matar em nome do próprio perdedor ou pelo renome de um transcendente reparador, pois isolado ou em pátrias, o perdedor radical não negocia. Contudo, ele não é um rebelde vitalizador e muito menos um insurgente admirável. É apenas um radical requentado e obsessivo em busca de reconhecimento, resultado da cultura do progresso que transformou a miséria humana alimentando-a com novos direitos, reivindicações e democratização de lutas despertando-a para expectativas inexecutáveis.

A globalização transformou o terrorismo (isolado ou em pátria) numa nova reiteração do exercício de uma vontade autoritária, demarcada com

precisão por Enzensberger por meio da distinção entre politização e apoliticismo. Considerando que a democracia contemporânea fundamenta-se na negociação, o terrorismo contemporâneo, em especial o islâmico, será sempre apolítico. Ele não negocia, e esta é sua radicalidade.

Diante deste absoluto, estaremos próximos de uma guerra de religiões? Enzensberger não envereda por esta via, mas provoca uma imediata reflexão sobre a indissociável relação entre razão e religião na atualidade e que leva, no Ocidente, a uma nova reforma iluminista que pretende aproximar política e ecumenismo. Nas primeiras décadas do século 20, Carl Schmitt, à maneira conservadora, em *Teologia política*, (traduzido e publicado pela Editora Del Rey, de Belo Horizonte, em 2006), indicava a inevitável teologia nos conceitos secularizados, ao enfatizar os aspectos míticos no poder moderno, cuidadosamente anotados no século 19 por alguns anarquistas e Max Stirner, para uso adverso à ordem. Nos dias de hoje, o sociólogo português Fernando Gil, encerrando o concorrido seminário *Terrorismo e relações internacionais* (Fundação Calouste Goulbenkian, 2006), assinalou na modulação liberal, que a equiparação entre religião e política (democrática) é premente, a partir da prevalência do modelo estadunidense sobre a laicização europeia. Concluiu que esta equiparação, definitivamente, será capaz de conter e combater os *novos* terrorismos. Posto isso, pode-se dizer que se Schmitt dissolveu a suposta superioridade iluminista, Gil, ladeado por Pierre Bourdieu, constatou a passagem do universal racional francês que predominou no Ocidente desde a Revolução Francesa para o universal estadunidense, redimensionando o Iluminismo na atualidade. Estaremos, assim, diante de uma possibilidade de negociação político-religiosa futura decorrente do reconhecimento da relação razão-religião pelas partes constitutivas? Ou trata-se somente de um novo platô onde acontecem as lutas contemporâneas e que simultaneamente situam democracia e terrorismo, ecumenismo e islamismo, política e apoliticismo? É possível neutralizar o

terrorismo islâmico que ameaça na América do Norte, na Europa e no norte da África?

Islamismo violento ou a equação por um dos lados.

Para Enzensberger a luta de classes cedeu lugar a uma luta político-religiosa inconciliável, inútil e à espera de um vencedor inevitável: o antagonista dos Estados Unidos, do Ocidente, do capital internacional (assim como um perdedor radical isolado identifica o ganhador com os imigrantes, o serviço secreto, os comunistas, os norte-americanos, as multinacionais, os políticos, os infiéis, enfim um outro para o qual dedica uma ação mortal ou se organiza para combater até a morte).

O *islamismo violento* é o terrorismo que ocupa as mídias e virou notícia inconclusa. As televisões divulgam que estes terroristas formam um grupo composto por rebeldes que portam elementos surpreendentes e, com isso, contribuem para normalizar a convivência com demais condutas disseminadoras de medo. O islamismo violento, por sua vez, beneficia-se desta situação para convencer um número imenso de perdedores radicais e multiplicar suas ações. Conta não só com capitalismo neoliberal globalizado, mas também com os ricos Estados árabes produzindo mais misérias e mais perdedores radicais, isolados e em pátrias. É assim que *al-Qaeda*, o insidioso matador de estudantes numa universidade dos Estados Unidos e as juventudes fascistas e nazistas da Europa atual, entre tantos outros, atualizam o fluxo franquista-nazista que tem por objetivo a vitória da morte.

O islamismo violento trouxe uma novidade. Para Enzensberger, ele substituiu o comitê centralizado da organização pela rede flexível, que não se cristaliza como o comitê, mas que se metamorfoseia. Mais do que isso, o terrorismo contemporâneo, como mostramos (eu e Salette Oliveira), na coletânea *Terrorismos* (Educ, 2006), rapidamente tendem a transformar as redes em programas, tornando anônimas as lideranças. Reformado e renovado, o terrorismo continua sendo um acontecimento que não cessa.

Na sociedade de controle funda seu apoliticismo em relação à democracia sem contestar o capitalismo globalizado exercitando uma radicalidade pelo avesso.

Enzensberger pretende ir ao combate. Pleiteia colaborar para a pacificação do islamismo violento depois de constatar sua contaminação na democracia estadunidense com o uso regular de torturas, encarceramentos arbitrários e seqüestros. Todavia, chegar à almejada pacificação implica mais guerras, medos, polícias e fissura na convicção pacifista do próprio Enzensberger. Afinal, o autor não pode desconhecer que hoje em dia a democracia estadunidense somente potencializa os dispositivos de exceção que nela cresceram. Se no passado a exceção fazia parte da decisão do soberano, como defendeu Carl Schmitt a respeito do estado de exceção, gradativamente ela se transformou num dispositivo efetivo de sobrevida da própria democracia na sociedade de controle.

A democracia sob o comando de liberais, sociais-democratas e conservadores não é e nem será solução, sequer um valor superior inquestionável, mas apenas meio de negociação. Na sociedade de controle ela *desceu* da política, invadiu as relações materiais e imateriais da vida computo-informacional contemporânea e acionou o dispositivo da convocação à participação de *todos*. Funciona como o normalizador e faz da exceção uma regra na *sociedade* e no *Estado*. Se do lado político a democracia enfrenta o apoliticismo dos perdedores radicais, do lado material e imaterial, inclui de alguma maneira, mesmo os isolados ou as pátrias de perdedores radicais, dissolvendo estruturas.

Enzensberger é daqueles que não suportam conviver com épocas de terrorismos de quaisquer procedências, e para tal produz reflexões para o presente, libertas do acolhimento ideológico. Quem sabe, e por isso mesmo, venha a ser desdenhado pelas esquerdas emboloradas que dominam centros de decisão política, tanto quanto por novos e eternos democratas políticos com suas assépticas comparações. Enzensberger incide neles. Percorre o risco de apelar para um juízo superior e noticia a

comparação como o exercício preferencial do perdedor radical, isolado ou agrupado. E deste ponto o ensaio se abre para assombros iminentes.

Enzensberger dimensiona urgências. Acerta na mosca ao traçar o perdedor radical isolado e provoca reflexões inacabadas ao pretender pacificar o islamismo violento como uma pátria de perdedores radicais.